

Ester Fraga V. Carvalho do Nascimento  
Josué dos Santos Alves

## TIPOGRAFIAS E IMPRESSOS PROTESTANTES NO BRASIL

### RESUMO

Na perspectiva da História da Educação, este artigo tem como objeto de investigação sete catecismos protestantes. Evidencia as tipografias responsáveis pela produção e edição das fontes aqui analisadas, destacando a importância desses prelos como produtores de impressos e difusores de obras que contribuíram para a inculcação de valores morais e de saberes educacionais e religiosos em parte da população brasileira. O recorte teórico-metodológico está embasado no método indiciário (Ginzburg, 2007) e em cultura (Elias, 1994). Portanto, foi possível concluir que a disseminação de obras e a criação de tipografias por missionários norte-americanos contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da imprensa protestante e, conseqüentemente, brasileira.

**Palavras-chave:** Catecismos Protestantes, Imprensa Protestante, Comunidade de Leitores.

## PROTESTANT TYPOGRAPHIES AND PRINTS IN BRAZIL

### ABSTRACT

From the perspective of the History of Education, this article investigates seven Protestant catechisms. It highlights the typographies responsible for the production and edition of the sources analyzed here, highlights the importance of these presses as producers of printed matter and disseminators of works that contributed to the inculcation of moral values and religious knowledge in part of the Brazilian population. The theoretical-methodological approach is based on the evidence method (Ginzburg, 2007) and culture (Elias, 1994). Therefore, it was possible to conclude that the dissemination of works and the creation of typographies by North American missionaries contributed significantly to the development of the Protestant and, consequently, Brazilian press.

**Keywords:** protestant Catechisms, Protestant Press, Community of Readers.

## TIPOGRAFÍAS Y ESTAMPAS PROTESTANTES EN BRASIL

### RESUMEN

Desde la perspectiva de la Historia de la Educación, este artículo investiga siete catecismo protestante. Destaca las tipografías responsables de la producción y edición de las fuentes aquí analizadas, destacando la importancia de estas imprentas como productoras de impresos y difusoras de obras que contribuyeron a la inculcación de valores morales y conocimientos educativos y religiosos em parte de la población brasileña. El enfoque teórico-metodológico se basa en el método de la evidencia (Ginzburg, 2007) y la cultura (Elias, 1994). Por lo tanto, fue posible concluir que la difusión de obras y la creación de tipografías por parte de los misioneros norteamericanos contribuyeron significativamente al desarrollo de la prensa protestante e, em consecuencia, brasileña.

**Palabras clave:** Catecismos Protestantes, Prensa Protestante, Comunidad de Lectores.

## INTRODUÇÃO

Este artigo se insere na perspectiva da História Cultural, da História da Educação e da História do Livro, investigando um tipo de impresso protestante – o catecismo –, e evidenciando as tipografias de sete obras que integram o acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano, publicadas no período de 1864 a 1911 (Alves, 2021). Propõe apresentar as tipografias responsáveis pela publicação desses catecismos os quais serviram para instruir os alunos de escolas e igrejas protestantes instaladas no Brasil no período delineado pelo marco temporal das obras. Os catecismos, entre outros impressos, foram utilizados pelos primeiros missionários protestantes que chegaram ao território brasileiro em meados do século XIX. Esses impressos pedagógicos serviram como ferramenta no processo de alfabetização das primeiras letras, como mola propulsora para o ensino de jovens e, principalmente, de crianças, em um país com alto índice de analfabetismo no período delimitado por esta investigação.

Os catecismos protestantes que aqui foram analisados agregaram valores morais, educacionais e religiosos, assim como, tiveram grande importância na educação de crianças e jovens que se converteram ao Protestantismo. Nesse sentido, essas obras históricas compõem a biblioteca de Júlio Andrade Ferreira, a qual integra o Arquivo Histórico Presbiteriano, instituição criada por ele, no ano de 1959, e localizada na cidade de São Paulo. Durante a sua vida, catalogou diversos tipos de impressos protestantes que circularam no Brasil desde a chegada dos primeiros missionários presbiterianos. As obras foram classificadas em livros<sup>1</sup>, livretos<sup>2</sup>, folhetos<sup>3</sup>, opúsculos<sup>4</sup>, jornais, revistas, hinários, mapas, dentre outras não especificadas.

Nascido na cidade de Andrada, Minas Gerais, o Rev. Júlio Andrade se caracterizou como um intelectual brasileiro da Igreja Presbiteriana, no século XX. Em 1932, estudou na conceituada Escola Normal da Praça da República (depois Instituto Caetano de Campos), em São Paulo, onde obteve o diploma de normalista. Posteriormente, ingressou no ensino superior da Faculdade

de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Campinas, obtendo grau de Bacharel em Teologia, em 1935. Durante 11 anos de sua vida, ele exerceu a liderança na igreja da cidade de Franca, São Paulo.

Este texto propõe evidenciar as tipografias responsáveis pela produção e edição dos sete catecismos protestantes aqui analisados, destacando a importância desses prelos como produtores de impressos e difusores de obras que contribuíram para a inculcação de valores morais e de saberes e práticas religiosos e educacionais em parte da população brasileira durante o período investigado. E, para tanto, beneficia-se de conceitos do historiador Roger Chartier. Para o referido autor, a História do Livro é um amplo campo de investigação direcionado a compreender o impresso na sua forma, nas ideias disseminadas por vias impressas e como esta palavra impressa foi importante para a cultura de organização política e social da humanidade. Para a História do Livro, torna-se considerável, não só o suporte material que delimita o impresso e serve de veículo da informação, como também, os textos e seus significados que devem ser entendidos por meio de códigos textuais para que haja uma interação entre o autor e o leitor. Chartier (1998, p. 12) compreende que “a tarefa do historiador é, então, a de reconstruir as variações que diferenciam os espaços legíveis – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais”.

É conveniente destacar, ainda, que esta proposta de investigação também está embasada no conceito de cultura de Norbert Elias (1994), o qual compreende como cultura tudo aquilo que distancia o homem da natureza. Em se tratando de práticas sociais e educacionais, partimos do pressuposto de que essas obras detinham grande potencial pedagógico e contribuíram em larga escala para o desenvolvimento educacional da sociedade brasileira nos séculos XIX e início do XX, agregando valores e difundindo ideias inovadoras com o auxílio imprescindível dos catecismos protestantes.

Esse trabalho se apropriou dos procedimentos adotados no método indiciário elaborado por historiadores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (2007), para

auxiliar no desvelamento de práticas culturais e educacionais. Em conformidade com as técnicas de aplicação procedimental deste método, devemos estar atentos aos mínimos detalhes que as fontes nos disponibilizam, buscando indagá-las para além da superfície do texto, levantando questionamentos que problematizem o objeto estudado nas diferentes esferas dos saberes e práticas educacionais, para, com isso, extrair informações relevantes do material averiguado.

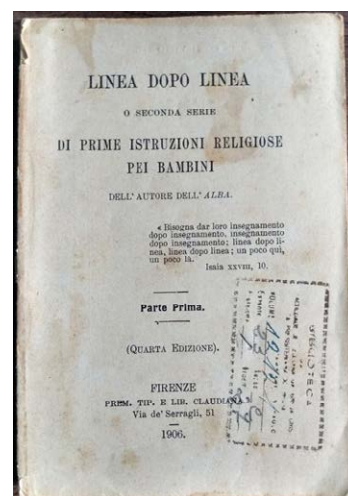
## OS CATECISMOS PROTESTANTES

Durante muito tempo, o catecismo foi utilizado como ferramenta de doutrinação religiosa pelos cristãos católicos. Posteriormente, com o movimento da Reforma Protestante liderada por Martinho Lutero, no século XVI, os cristãos reformadores aderiram a este mesmo recurso para propagar a fé, valores e moral do Protestantismo, e, numa eventual conversão à religião, doutrinar os fiéis, ensinando-lhes os princípios nos quais acreditavam ser os verdadeiros. Segundo Nascimento (2006, p. 2), “[...] uma das consequências dos conflitos entre católicos e protestantes a partir da Reforma foi a proliferação de catecismos”. Com isso, os catecismos tornaram-se uma das ferramentas mais utilizadas pelos cristãos protestantes para o ensinamento da Bíblia.

Refletindo sobre um dos itens do processo de produção de um impresso – a capa, elas foram utilizadas pelos tipógrafos e editores ao longo do tempo como um dos principais dispositivos para atrair o olhar do público de leitores e de curiosos de uma obra impressa. Analisando esse aspecto, observou-se a necessidade de expor algumas capas dos catecismos protestantes que serão analisados nesse texto. Infelizmente, devido ao longo período de vida dos impressos, algumas obras aqui apresentadas sofreram com a ação do tempo e já não possuem suas capas.

Nessa perspectiva, o conjunto dos catecismos aqui investigados chama a atenção também por ter impressos protestantes de origem italiana, *Linea Dopo Linea: Di Prime Istruzioni Religiose pei Bambini*, que fazem parte do acervo do Arquivo Histórico Presbiteriano, contendo alguns exemplares. Um deles é um exemplar da primeira parte, já na quarta edição, com publicação no ano de 1906. Como este catecismo não possui mais a capa, a imagem a seguir corresponde a folha de rosto da referida obra.

Figura 1: Folha de rosto do catecismo *Linea Dopo Linea: Di Prime Istruzioni Religiose Pei Bambini/Parte Prima, 4ª Ed. (1906)*

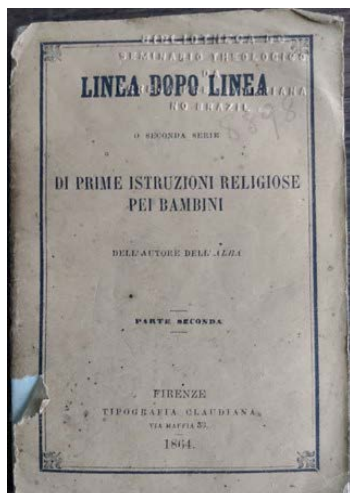


Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

O texto do prefácio registra que o objetivo do impresso é instruir a criança a compreender as Escrituras Sagradas, direcionando os pequeninos a apreciar a leitura. Orienta ainda que o texto deve ser lido pelos pais, pois a voz dos genitores chamará mais a atenção do filho e comoverá seu coração, fazendo afetuosamente as observações necessárias. Informa ainda que o autor teve o cuidado de não aprofundar muito as questões abordadas, decidindo descrever detalhadamente os principais fatos relatados na Bíblia, de uma forma sucinta.

A segunda parte do catecismo *Linea Dopo Linea* é a quarta edição, ambos publicados pela Tipografia e Livraria Claudiana, localizada na cidade italiana de Florença, sendo que nenhum dos dois registra o autor.

Figura 2: Capa do Catecismo *Linea Dopo Linea* (1864)

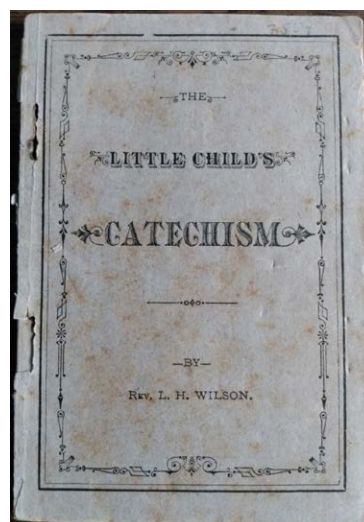


Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

A obra publicada no ano de 1864, contém um texto no prefácio do impresso – provavelmente do editor – relatando que eles são sintéticos e de tamanhos reduzidos, dando continuidade à edição inglesa, que abordam temas relevantes do Velho Testamento para serem ensinados. Ainda acrescenta uma petição a Deus que as mensagens bíblicas contidas nele sejam efetivas para a compreensão dos pequeninos leitores.

O catecismo *The Little Child's Catechism* foi publicado em 1890, pela editora *St. Louis Presbyterian*, tendo como autor L. H. Wilson. O impresso é de tamanho reduzido e de fácil manuseio. No prefácio, o autor relata que o objetivo do texto é prover instrução para jovens e crianças com questões que levam a respostas de fácil compreensão, utilizando a memorização. Contém 20 lições religiosas de cunho moral e os 10 mandamentos na última página.

Figura 3: Capa do Catecismo *The Little Child's Catechism* (1890)



Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

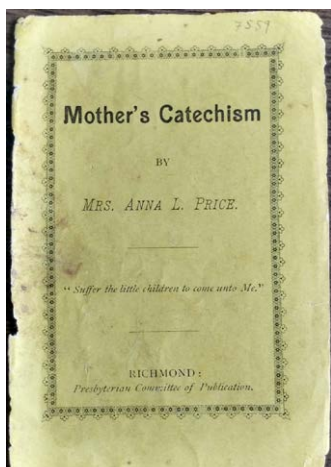
Para além do conteúdo de uma obra rara como essa, os indícios e marcas deixadas nela tornam-se de suma importância para um historiador da História Cultural. Os detalhes na capa, como em todo impresso, ajudam ao investigador inferir sobre quem fora o público de leitores, e até mesmo, sobre as práticas educacionais que eram ensinadas através desse impresso. Para além disso, é possível observar na capa do *The Little Child's Catechism* as marcas deixadas pela ação do tempo e também pelo manuseio.

Já o Catecismo para a Infância, sem autoria especificada, foi publicado em 1911, em parceria com a Livraria Evangélica, de Lisboa e, a Tipografia Mendonça, da cidade do Porto. São abordados os preceitos protestantes distribuídos em 26 capítulos e trata dos dogmas da igreja presbiteriana, histórias bíblicas por meio de questões de fácil compreensão e memorização. Apresenta também vários personagens da Bíblia como exemplos a serem seguidos pelos pequenos protestantes.

Figura 4: Capa do *Catecismo para a Infância* (1911)

Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

O *Mother's Catechism* tem autoria de Anna L. Price, publicado pela *Whittet & Shepperson*, na cidade de Richmond, Estado da Virgínia, nos Estados Unidos, tendo os direitos autorais reservados ao Comitê Presbiteriano de Publicações<sup>5</sup>, do Escritório da Livraria do Congresso, em Washington, DC. Foi publicado, provavelmente, durante a década de 70 do século XIX, como instrumento de auxílio aos professores das Escolas Dominicais.

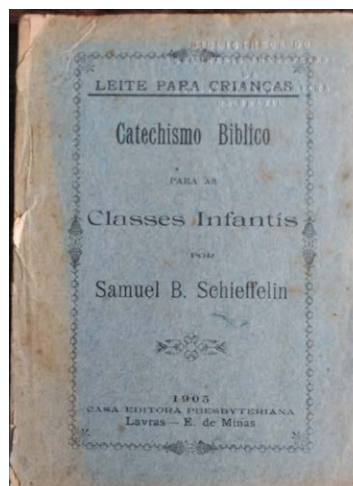
Figura 5: Capa do *Mother's Catechism* (S/D)

Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

Composto de perguntas e respostas curtas, distribuídas em 16 páginas, o conteúdo orienta as mães como deveriam ensinar a seus filhos. Apresenta a Bíblia como o livro de Deus, que deve servir de guia para a vida.

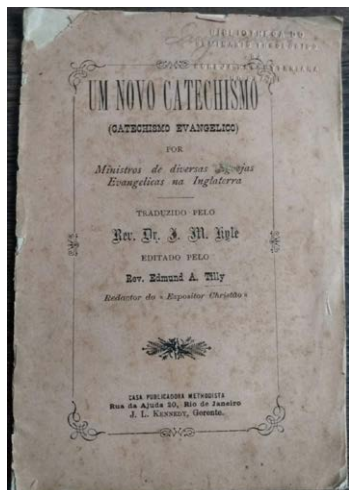
Jesus Cristo é descrito como Filho de Deus, nascido como uma criança, semelhante à que está aprendendo a doutrina cristã. Durante o aprendizado, o pequenino deve memorizar versículos bíblicos relacionados às questões apresentadas, além de curtas orações e os Dez Mandamentos. A criança também aprende a demonstrar servir a Deus através da obediência aos seus pais. Os missionários são apresentados como as pessoas que divulgam o evangelho em outros países, necessitando, portanto, de dinheiro para subsistirem.

O *Leite para Crianças Catechismo Bíblico* foi publicado em 1905, pela Casa Editora Presbiteriana, na cidade de Lavras, Estado de Minas Gerais, no Brasil, sendo seu autor Samuel B. Schieffelin. A contracapa do impresso registra outros livros, catecismos e tratados evangélicos que estavam à venda na referida editora, com o valor de cada título. As temáticas abordadas no interior do catecismo fazem sempre alusão às principais histórias da Bíblia e seus personagens.

Figura 6: Capa do *Catecismo Leite para Crianças Catechismo Bíblico* (1905)

Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

O exemplar intitulado *Um Novo Catechismo* foi publicado no Brasil na cidade do Rio de Janeiro, pela Editora Casa Publicadora Methodista, e não apresenta o ano em que foi publicado. Para encaixar essa obra no recorte temporal delimitado, a escrita, a tradução e edição foram alguns dos indícios analisados na materialidade do impresso.

Figura 7: Capa do *Um Novo Catechismo* (S/D)

Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

O catecismo teve como autores diversos ministros de igrejas evangélicas na Inglaterra, sendo traduzido pelo Rev. Dr. J. M. Kyle e editado pelo Rev. Edmund A. Tilly. O prefácio indica que o catecismo foi criado por uma comissão de teólogos representando as igrejas Metodistas, Batistas, Presbiterianas e Congregacionalistas, para disseminar as doutrinas aceitas pelas várias congregações cristãs.

## TIPOGRAFIAS E EDITORAS DOS CATECISMOS PROTESTANTES

A maneira mais comum ao homem de transmitir informações sempre foi através da comunicação verbal e gestual. Com o nascimento da escrita, o homem pôde agregar mais uma forma de comunicação, aquela que, para muitos, desde o seu surgimento, tem contribuído significativamente com a construção de narrativas históricas através das experiências de outrem. Por meio da escrita, foi possível relatar para a posteridade importantes fatos que mudaram toda a humanidade: as grandes descobertas, guerras que extinguiram e criaram novas nações, as revoluções que continuam influenciando na contemporaneidade, notáveis movimentos que culminaram na queda de grandes governos, fatos marcantes que estão registrados e são transmitidos nas obras escritas por muitos séculos. Não obstante, é possível enfatizar que, no processo de construção da história, “a

tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos”, destacando não apenas os heróis ou vencedores, mas todos os envolvidos na narrativa (Burke, 1992, p. 15).

A escrita deu ao ser humano a capacidade de se comunicar através de caracteres. Muito antes dos impressos, o processo de produção de um livro era manual e sob encomenda, demandando um longo período para a realização da obra. O público-alvo é outro fator importante a ser considerado, pois, normalmente, os consumidores desse produto faziam parte de uma seleta parcela da sociedade, os nobres e integrantes do clero. A tarefa de desenvolver o manuscrito ficava na responsabilidade dos escribas comprometidos que redigiam e copiavam documentos importantes, página por página. Foi o alemão Johannes Gutemberg (1395-1468) quem criou o primeiro processo de impressão em letras de metal, sendo dele o primeiro livro impresso produzido em larga escala, a Bíblia de Gutemberg, em 1454. A prensa para a produção de impressos foi uma das principais tecnologias desenvolvidas naquele século. Desde o advento da imprensa na Modernidade, as obras e os textos ganharam outra dimensão pela quantidade de replicação desses impressos e disseminação da informação.

A impressão tipográfica em relevo é o processo de impressão mais antigo da humanidade. Esse processo nasceu na China durante o século V depois de Cristo. Mas foi na Europa, especificamente na Alemanha, que Johannes Gutenberg iniciou a arte de imprimir com tipos móveis introduzindo o método tipográfico. O método tipográfico consiste num processo de transferência de tinta ao papel. É passada uma camada de tinta nas áreas em relevo que, por sua vez, são transferidas diretamente para o papel por pressão. A tipografia concretizou-se como um dos elementos mais importantes da comunicação e, com o passar dos séculos, houve uma nítida evolução nos processos de produção dos impressos. De acordo com Orlando (2008, p. 73),

[...] A impressão pode ser, conforme Smith Jr. De dois tipos: tipográfica, um processo mais tradicional que consiste no seguinte processo: a tinta é colocada em um tipo de relevo, o

papel é pressionado contra esse relevo e as formas das letras são assim copiadas no papel; planográfica, denominada dessa forma por usar ao invés do tipo em relevo, uma chapa plana.

Com o decorrer dos séculos, a expansão da imprensa culminou no crescimento do mercado livreiro e colaborou para o desenvolvimento da humanidade por meio da propagação da cultura letrada. Cabe ressaltar que uma das consequências do movimento que teve seu ápice na Reforma Protestante foi muito influenciado pela revolução da imprensa, auxiliando na disseminação das ideias reformistas por todo o continente europeu. Dessa maneira, o conhecimento também foi disseminado via difusão de impressos por meio da língua vernácula, não apenas da língua oficial da Igreja. Como consequência, mais pessoas puderam ter acesso à educação com a língua escrita, porém, poucos eram alfabetizados e capacitados para dominar a leitura devido ao pouco contato que tinham com os manuscritos ou impressos.

Segundo Darnton (1990, p. 171), foi somente a partir de 1500, que “o livro, o panfleto, o folheto, o mapa e o cartaz impressos começaram a atingir novos tipos de leitores e a estimular novos tipos de leitura”, ou seja, para além da comunidade de leitores<sup>6</sup> habituais que já existiam (grupos de leitores geralmente com intelectuais ligados à Igreja ou à realeza), foram organizadas novas comunidades de leitores. A acessibilidade aos impressos possibilitou uma expansão das obras a “[...] um preço cada vez mais barato e uma distribuição mais ampla, o novo livro transformou o mundo”. Conforme o referido autor, por muito tempo, a leitura continuou a ser uma experiência oral, desempenhada em público, diferente da leitura silenciosa realizada apenas com os olhos e de maneira mental, sendo este tipo de leitura desenvolvido num período mais recente.

Para muitos historiadores, a Reforma Protestante no século XVI só ganhou tamanha notoriedade graças à criação revolucionária da imprensa criada por Gutenberg que continuou se aperfeiçoando no que diz respeito às técnicas de impressão. Mesmo com a resistência

dos escribas e do clero, a implantação das tipografias no processo de impressão continuou ganhando força, fazendo com que as autoridades religiosas a liberassem, mesmo temendo o acesso irrestrito aos impressos. Convém salientar que as 95 teses de Martinho Lutero pregadas na porta da Paróquia de Wittenberg, em 1517, na Alemanha, foram rapidamente disseminadas por toda a Europa. Mesmo com o alto índice de analfabetismo nas diversas áreas do continente europeu, a imprensa mostrou-se importante ferramenta para a propagação da informação de ideias utilizadas pelos reformadores. E, assim, a palavra escrita deixou de ser exclusividade do clero e propagou-se nas mais remotas áreas da Europa, dando oportunidade à grande massa de ter acesso às obras.

A tipografia e os seus processos de impressão tipográficas também tiveram notabilidade no chamado século das luzes, o século XVIII. Esse século ficou marcado pelo Iluminismo, movimento político e filosófico que aconteceu na Europa, principalmente na França, em contraversão ao Antigo Regime, o Absolutismo Monárquico, e a Igreja Católica. Muitos folhetos impressos foram espalhados por todo o país, denegrindo a imagem da monarquia, o que demonstra tamanha relevância da tipografia no principal movimento revolucionário do referido século. O século das luzes foi uma época de ouro para a tipografia, na medida em que atribuiu ao livro impresso um dos elementos fundamentais para o avanço intelectual e social da humanidade.

Muito da expansão e evolução da tipografia esteve ligado ao processo de industrialização vivenciado no planeta. Não somente as máquinas de impressão evoluíram, como foram criadas máquinas de fabricação de papel, resultando numa matéria-prima de maior qualidade e baixo custo, se comparada ao modelo artesanal anteriormente de fazer as folhas de papel. Em se tratando de industrialização, os séculos XVIII e XIX ficaram marcados pela Revolução Industrial vivenciada no planeta, principalmente nas nações mais desenvolvidas do ponto de vista econômico. Esse período industrial e de grande desenvolvimento tecnológico foi iniciado na Inglaterra, espalhando-se rapidamente por todos os



continentes e ocasionando transformações em diversos âmbitos da sociedade moderna.

O continente europeu, desde a criação da prensa por Johannes Gutenberg, rapidamente se tornou o centro das tipografias e editoras do planeta, destacando-se no mercado dos impressos e editoriais pelos numerosos títulos produzidos e disseminados por toda a Europa. Muitos países, por intermédio dos seus editores e livreiros, organizaram catálogos para dimensionar a elevada quantidade de impressos produzidos e o consequente alastramento de leitores. Quanto maior a procura pelas obras, maior seria a produção delas. Vale ressaltar que existia um mercado negro dos impressos por causa da censura, portanto, é difícil dimensionar o tamanho real do mercado livreiro nos séculos em que as Monarquias Absolutistas europeias estiveram no poder. Chartier (1998, p. 7), retratou sobre a França no século XVII e o sonho de uma “biblioteca universal, real ou imaterial, contendo todas as obras já escritas. [...] O autor, o livreiro-editor, o comendador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido” que só poderia ser possível através de catálogos.

Do outro lado do Atlântico, foi preciso mais de três séculos desde a chegada dos primeiros portugueses para que fosse instalada oficialmente a primeira tipografia em solo brasileiro – o decreto de 13 de maio de 1808 oficializou a imprensa no Brasil. Até então, os impressos que aqui transitavam eram trazidos por viajantes de outros países (obras contrabandeadas no mercado negro) ou aqueles liberados com autorização das autoridades portuguesas responsáveis pela Real Mesa Censória<sup>7</sup>. Em síntese, a liberação da imprensa no território brasileiro enfrentou um jogo de interesses da Coroa lusitana, logo, “a estruturação e o enraizamento da tipografia estavam intimamente associados a uma intrincada rede de poderes que, em última instância, tinham o objetivo de sustentar o absolutismo monárquico de D. João VI” (Meirelles, 2006, p. 12). Não obstante, antes de a Imprensa Régia chegar ao Brasil, houve a tentativa de implantação de outras tipografias, porém, não houve êxito, pois, a coroa portuguesa interveio

com o objetivo de impor limites à circulação de ideias na Colônia através da censura.

A saber, a censura foi utilizada pela Coroa portuguesa como ferramenta de repressão para manter o povo alienado, privado do conhecimento e, conseqüentemente, submisso às ordens dos colonizadores. Com isso, era sabido de Portugal que as principais revoluções e lutas pela independência que haviam acontecido no planeta estavam intimamente ligadas com a circulação de panfletos e folhetos distribuídos por toda a sociedade. Com a chegada da tipografia oficial, a liberação de alguns prelos particulares possibilitou ao povo a democratização e circulação da palavra impressa, diversificando o público-alvo da cultura letrada que era composta daqueles mais abastados.

O século XIX reservava ao Brasil um período de avanço social e político, com mudanças consubstanciadas pela luta de um povo em busca da sua liberdade. Dentro desse século, ocorreram três mudanças de governos – Monarquia, Império e República –, a libertação oficial dos escravos e o processo histórico de separação entre Brasil e Portugal, em 7 de setembro de 1822. E, com esse evento, a Colônia se concretizou como uma nação independente de Portugal. Foi justamente nesse panorama de grande agitação que a imprensa brasileira começou a tomar forma e ganhar espaço num cenário que antes fora de controle português, sobretudo na corroboração da propagação de ideias que resultaram no anseio pelo conhecimento do campo intelectual. A Constituição do Império de 25 de março de 1824 garantiu aos brasileiros que,

Todos podem comunicar os seus pensamentos, por palavras, escriptos, e publicar-os pela Imprensa, sem dependencia de censura; com tanto que hajam de responder pelos abusos, que commetterem no exercicio deste Direito, nos casos, e pela fórma, que a Lei determinar (Brasil. Constituição de 1824, art. 179, n° IV).

No Brasil, a implantação da tipografia oficial e os seus processos tipográficos tiveram grande relevância durante o Império (1822-1889). A Imprensa Régia che-

gou ao país com a vinda da Corte Real ao Rio de Janeiro no ano de 1808, marcando seu tempo num período de transformações políticas e econômicas do Brasil Imperial. A primeira tipografia particular foi instalada na capitania da Bahia no ano de 1811, por Manuel Antônio da Silva Serva, responsável direto pela impressão de alguns manuais didáticos distribuídos pelo Brasil que cooperaram demasiadamente para a História do Livro, da imprensa e da educação brasileira. Só com a instalação dos primeiros prelos no Brasil, pôde-se ter início à produção dos periódicos que se tornaram patrimônio cultural e social da nação. Numa visão mais crítica, se comparado com outros países, é possível afirmar que, no Brasil, houve um atraso na instalação do mercado tipográfico, sendo este um dos fatores que podem estar relacionados com o alto nível de analfabetismo citado por alguns historiadores em suas pesquisas do Brasil oitocentista.

A Constituição do Império, para além da liberdade de imprensa, garantiu alguns importantes direitos civis e religiosos. No âmbito religioso, estabeleceu o Catolicismo como religião oficial do Estado, mas concedeu a liberdade de culto a outras religiões: “A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo” (Brasil. Constituição de 1824, art. 5). Essa garantia possibilitou que estrangeiros cristãos protestantes pudessem adentrar e circular livremente no país, mesmo com toda a resistência da Igreja Católica e os frequentes embates no campo religioso. Eles foram importantes agentes do desenvolvimento intelectual da sociedade brasileira por meio da disseminação de impressos protestantes que difundiram ideias e saberes religiosos e educacionais nos Oitocentos.

Com um cenário propício à circulação de impressos durante o século XIX, o Brasil vivenciou um aumento de editoras, livrarias, bibliotecas e tipografias que encabeçaram o movimento da produção de impressos no país e possibilitaram o acesso às obras. Pesquisas revelam que, “se o mercado de livros já crescera de maneira

substancial no século XVIII, nos anos 800, o número de títulos e autores em circulação aumentou sobremaneira”, devido à potencialização do mercado tipográfico, outrora, obras que eram enviadas para a realização no Velho Mundo puderam ser produzidas em território brasileiro (Nascimento, 2001, p. 3).

O Protestantismo, desde o seu surgimento, teve como um dos seus principais ideais a divulgação da Bíblia na língua vernácula, portanto, beneficiando-se do advento da imprensa, produziu e disseminou nas mais remotas áreas do planeta as Escrituras Sagradas. No Brasil, não foi diferente. A mesma estratégia foi utilizada primeiro com os integrantes da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira/SBBE e da Sociedade Bíblica Americana/SBA, posteriormente, com os norte-americanos da Missão Brasil – órgão vinculado à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos –, que, além de Bíblias, venderam e distribuíram diversos tipos de impressos religiosos e educacionais nas mais longínquas áreas do território brasileiro.

Os cristãos protestantes que chegaram ao Brasil em meados do século XIX, se fizeram notáveis colaboradores da imprensa brasileira não apenas pela vasta distribuição de impressos, que disseminou novas ideias religiosas e educacionais. Contribuíram também na expansão do mercado tipográfico produzindo textos em suas próprias casas publicadoras e criando periódicos que se tornaram o meio de comunicação oficial para a difusão do pensamento religioso protestante na sociedade brasileira dos Oitocentos. Para além das escolas, igrejas, albergues, hospitais, os missionários presbiterianos que chegaram ao Brasil, a partir de 1859, “utilizando-se da palavra impressa para divulgar seus ideais religiosos e consolidar seu trabalho de evangelização e educação além de traduzir, começaram a produzir sua própria literatura” (Almeida, 2013, p. 61).

Com o passar dos anos e uma quantidade extensa de material para produzir e fazer circular no país, acarretou num custo alto de despesas para impressão, edição e tradução. Pensando nisso, o ministro da igreja presbiteriana Emanuel Vanorden – holandês que chegara

ao Rio de Janeiro no ano de 1872, através da Junta de Missões de Nova Iorque –, criou sua própria tipografia, iniciando as atividades no final da década de 1880. A *Thipografia a vapor Vanorden & Cia.*, – localizada na Rua do Rosário, nº 9 e 11, em São Paulo –, popularmente conhecida como Casa Vanorden, foi a primeira tipografia protestante instalada no Brasil, sendo responsável direto pela produção de inúmeros folhetos, livros, livretos panfletos e por oferecer serviços comuns aos processos tipográficos (Almeida, 2013).

A experiência bem sucedida de Emanuel Vanorden impulsionou outros cristãos a criarem suas próprias “Casas Publicadoras protestantes, estas, por sua vez, ofertaram o suporte necessário para as editoras das suas respectivas denominações” (Almeida, 2013, p. 68). No ano de 1894, o missionário metodista J. W. Wolling instituiu uma Casa Publicadora também em São Paulo, – localizada na Rua Esperança, nº 15, São Paulo –, que passou a imprimir os jornais da igreja metodista e divulgar os periódicos especializados da imprensa protestante. No tocante à produção dos periódicos protestantes em território brasileiro, houve um barateamento na produção, e conseqüentemente, um aumento significativo após a criação das tipografias protestantes.

Quanto aos sete catecismos protestantes aqui analisados, eles foram produzidos e publicados em tipografias do Brasil, dos Estados Unidos da América, da Itália e de Portugal. Os países do Velho Mundo foram as primeiras nações a se familiarizarem com a circulação dos impressos desde a criação da imprensa idealizada por Gutemberg. E os Estados Unidos, desde a sua independência, tornaram-se gradativamente o maior centro editorial das Américas e um dos maiores polos de publicação de impressos da época. Em contrapartida, por muito tempo, o Brasil figurou apenas como consumidor de obras vindas de outros lugares do mundo, principalmente de Portugal, por ser seu colonizador. Porém, com a liberação da imprensa no século XIX, o mercado editorial cresceu significativamente, tendo como um dos seus agentes impulsionadores os cristãos protestantes. A seguir, foram listados respectivamente num quadro, os países, cidades, tipografias e

ano de publicação de todos os catecismos protestantes investigados.

Quadro 1: Tipografias e Países de Origem dos Catecismos Protestantes

TÍTULO DOS CATECISMOS	TIPOGRAFIAS	CIDADE DE PUBLICAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
Di Prime Istruzioni Religiose Pei Bambini (Parte Seconda)	Tipografia e Livraria Claudiana	Firenze (Itália)	1864
<i>The Little Child's Catechism</i>	St. Louis Presbyterian	St. Louis (USA)	1890
Leite para Crianças. Catechismo Biblico para Classes Infantis	Casa Editora Presbyteriana Lavras	Lavras – MG (Brasil)	1905
Di Prime Istruzioni Religiose Pei Bambini (Parte Prima, 4ª Ed.)	Tipografia e Livraria Claudiana	Firenze (Itália)	1906
Catecismo para a Infância	Livraria Evangelica (Lisboa, Rua das Janelas Verdes, 32) Typographia Mendonça, a Vapor (Porto, Rua da Picaria, 30)	Lisboa/Porto (Portugal)	1911
Um Novo Catecismo	Casa Publicadora Methodista	Rio de Janeiro (Brasil)	S/D
Mother's Catechism	Whitte & Shepperson	Richmond (USA)	S/D

Fonte: Arquivo Histórico Presbiteriano, São Paulo, 2000.

O Catecismo para a Infância foi produzido e publicado em Portugal, país responsável pela maioria dos impressos que circularam no Brasil colonial. Não obstante, influenciou mesmo que tardiamente na criação das primeiras tipografias brasileiras. Antes mesmo da primeira tipografia oficial no país, a Imprensa Régia, no século XIX, um português em especial, Antonio Isidoro da Fonseca, se aventurou na missão inovadora de criar o primeiro prelo em território brasileiro, no ano de 1747. Prontamente, o Rei enviou um documento ao governador da capitania do Rio de Janeiro, deixando “claro que era expressamente proibida a arte da impressão na Colônia. Ainda ressaltava as estruturas da censura real que ordenava o confisco do material

produzido ao mesmo tempo em que impunha penas legais”. Em 1750, Antonio Isidoro “requeria ao Rei sua volta ao Brasil, dessa vez, com as devidas licenças legais. Mais uma vez, lhe foi negado o direito de instalar prelos na Colônia” (Meirelles, 2006, p. 48-49).

A Livraria Evangelica, localizada na Rua das Janelas Verdes, nº 32, em Lisboa<sup>8</sup>, foi responsável pela produção e publicação do “Catecismo para a Infancia”. A referida tipografia foi responsável por grande parte dos impressos da literatura protestante que transitou no Brasil do século XIX, colaborando para a história da cultura impressa oitocentista brasileira que contou com alguns elementos estrangeiros. De acordo com Cruz (2014, p. 208),

A Livraria Evangelica era uma Agência da Sociedade de Tratados Religiosos, que iniciou suas atividades ainda no Século XIX e, em 1913, separou-se da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira – estabelecida em Portugal desde 1864. [...] A livraria não apenas editava e fazia imprimir os impressos evangélicos, como também servia de posto para venda de material protestante produzido por outras tipografias da região.

A contracapa desse mesmo catecismo estampa uma tipografia diferente da estampada na capa da obra. É o prelo de José da Silva Mendonça, denominado de Typografia a Vapor, localizado na Rua da Picaria, nº 30, na cidade do Porto, em Portugal. Ainda há pouquíssimos registros dessa importante tipografia portuguesa e sua relevância para a História da Educação na produção dos impressos protestantes difundidos no Brasil, como nas representações adquiridas na sociedade brasileira. Nesse sentido, existem numerosas fontes documentais no Arquivo Histórico Presbiteriano e no Centro de Documentação e História Vicente Themudo Lessa em que a referida tipografia esteve incumbida da produção ou edição desses impressos. É necessário investigar quem foi José da Silva Mendonça e sua importância na história da tipografia portuguesa, colaborando com a cultura da imprensa brasileira através dos seus impressos, essa observação fica como sugestão para pesquisas futuras no campo da História da Educação.

As tipografias e os seus processos já eram significativos nos Estados Unidos da América e, “em 1775, havia 50 impressoras nas 13 colônias”, corroborando com a expansão da imprensa e espalhando “a palavra da revolução pelo Novo Mundo mais rápido do que a palavra falada, encorajando a frente unificadora de uma poderosa rebelião” (Clair; Busic-Snyder, 2009, p. 71). Assim como na Europa, foi graças à livre circulação dos impressos que findou encorajando os norte-americanos na revolução pela independência no século XVIII. Dos catecismos analisados nesta pesquisa, dois deles foram produzidos e publicados por tipografias norte-americanas da Igreja Presbiteriana das cidades de Saint Louis, no Estado do Missouri, e na cidade de Richmond, no Estado da Virgínia. Tais igrejas e tipografias estavam integradas às Missões da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos da América (PCUSA).

A tipografia *Whitte & Shepperson* foi a responsável pela impressão e produção da obra intitulada *Mother's Catechism*, porém, há poucos indícios sobre a referida casa publicadora, quem foi seu idealizador, ano de inauguração, o endereço e outros. Na historiografia brasileira, principalmente nas pesquisas que tratam da imprensa protestante, existem tópicos que tratam superficialmente das tipografias norte-americanas, sobretudo no que se refere à quantidade de impressos produzidos de origem dos centros editoriais localizados nos Estados Unidos da América, mas ainda estão faltando pesquisas mais aprofundadas sobre o impacto dessas importantes instituições que contribuíram para propagação do conhecimento e também com a cultura da palavra impressa.

A obra intitulada *The Little Child's Catechism* foi produzida e também publicada nos Estados Unidos da América pela tipografia *St. Louis Presbyterian Print*. Quanto à tipografia, as únicas informações são: a cidade de origem que está expressa na capa do catecismo e que, ao final do século XIX, estava exercendo suas funções tipográficas de impressão das obras. Em pesquisa realizada no site da *Presbyterian Historical Society* (arquivo nacional da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América), não foi encontrado nenhum tipo de registro

sobre a *St. Louis Presbyterian Print*, em contrapartida, obteve informações sobre a organização da primeira Igreja Presbiteriana de Saint Louis, fundada em 15 de novembro de 1817 pelo Reverendo Salmon Giddings. Outro fato relevante dos líderes foi a luta fervorosa por uma sociedade mais igualitária (*Presbyterian Historical Society*, 2021).

Os dois catecismos intitulados *Linea Dopo Linea: di prime istruzioni religiose pei bambini* foram publicados pela mesma tipografia na cidade de Firenze, Itália. Porém, quanto à tipografia Claudiana responsável pela publicação dos catecismos italianos, existem algumas diferenças que estão expressas na capa e contracapa das obras. A capa do catecismo publicado no ano de 1864, faz referência apenas à *Tipografia Claudiana* localizada na *Via Maffia*, nº 33; a contracapa da obra publicada no ano de 1906, registra os dizeres *Prem. Tip. e Lib. Claudiana*, ou seja, 42 anos entre uma publicação e outra, o prelo evoluiu e passou a ser também uma livraria localizada na *Via de' Serragli*, nº 51.

A tipografia Claudiana foi fundada no ano de 1855, em Turim, na Itália, mantendo-se por lá até o ano de 1862, quando se mudou para Florença junto à Faculdade de Teologia. A Claudiana recebeu esse nome em homenagem ao Bispo Claudio de Turim (816-828), que lutou contra a introdução de imagens sacras nas igrejas. Ela foi criada por um grupo de cristãos denominado valdenses, que observou a necessidade da propagação do evangelho de Cristo por meio de panfletos, folhetos e demais impressos. A tipografia Claudiana manteve-se ativa, pois algumas igrejas protestantes da Itália a procuravam para produzir seus impressos, elevando bastante a arrecadação do prelo. Porém, com o passar dos anos, algumas dessas igrejas criaram suas próprias tipografias acarretando numa diminuição significativa da arrecadação dos seus honorários.

Todavia, a tipografia Claudiana se reinventou, mesmo sem a tiragem de produção dos impressos que antes produzira, mediante a criação de livrarias que continuam até os dias atuais se propagando por algumas cidades italianas, a exemplo de: Florença, Roma, Milão,

Torino e Turim. A criação das livrarias fora usada como mecanismo para expandir seu leque de ofertas e tornar-se mais competitiva para consolidar sua marca em tempos de capitalismo exacerbado. A partir da sua tipografia, em meados do século XIX, a Claudiana colaborou para uma maior difusão dos impressos protestantes, não apenas em território italiano, a saber os catecismos que circularam no Brasil, que são analisados nesta pesquisa como objetos culturais que contribuíram para a educação.

Os dois catecismos produzidos no Brasil foram publicados por tipografias de Igrejas protestantes advindas dos Estados Unidos da América e trazem estampados nas capas das obras as respectivas denominações das quais são partícipes. As igrejas de origem estadunidense valeiram-se do mecanismo de criar os próprios prelos para diminuir os altos custos com a produção de impressos publicados por intermédio das tipografias comerciais no Brasil ou mesmo fora dele. Principais produtores e difusores dos impressos protestantes no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, os norte-americanos da Igreja Presbiteriana foram responsáveis pela publicação do catecismo intitulado *Leite para Crianças: catechismo biblico*.

O referido catecismo foi publicado no ano de 1905, pela Casa Editora Presbiteriana da Cidade de Lavras, Minas Gerais. A tipografia instalada no ano de 1889, integrou o Colégio Internacional ou o Instituto Campinas, fundado pelos missionários protestantes norte-americanos no ano de 1869, em Campinas. No entanto, o surto de febre amarela que assolou Campinas e o Brasil no final do século XIX, levou o Colégio Internacional, criado por George Nash Morton e Eduard Lane, a mudar de local.

Sob a direção do Rev. Samuel Rhea Gammon, o Instituto Evangélico chegara à cidade de Lavras, em 1893, para gerar na sociedade local algumas transformações, seja no âmbito educacional ou da imprensa. Ao chegar em Lavras, o Instituto Evangélico “já possuía uma oficina tipográfica que foi iniciada por Lane em 1889. [...] Na escola de meninos, inicialmente, foi inaugurado a

oficina de carpinteiros. Mais tarde a sapataria, a selaria, a tipografia, a encadernação, etc” (Lima, 2015, p. 50). Isso quer dizer que as instalações da tipografia também passaram a ser utilizadas para ensinar os meninos da cidade a desenvolverem as habilidades de tipógrafos. Ocorre que, para além das Escolas Paroquiais as quais eram construídas anexas às igrejas protestantes, as tipografias que levavam os nomes das suas respectivas congregações publicadas nos impressos também eram utilizadas pelos alunos através de cursos oferecidos pelas instituições educacionais.

Por fim, a obra intitulada *Um Novo Catechismo* foi produzida pela *Casa Publicadora Methodista*, localizada na Rua da Ajuda, nº 20, Rio de Janeiro. Nas pesquisas sobre a história da Igreja Metodista no Brasil, os autores não tratam dessa tipografia. Porém, em pesquisa realizada nos sites, a rua que consta como endereço do prelo integra a região central do comércio na cidade do Rio de Janeiro durante o século XIX. Dentre outros estabelecimentos naquela rua, existiram jornais, revistas, litografias e tipografias. A Rua da Ajuda existiu até a construção da Avenida Rio Branco, em 1905. E, como o catecismo analisado não possui o ano de publicação, é possível evidenciar através dos indícios e o cruzamento entre as fontes, que o impresso foi produzido entre os anos de 1867, origem da primeira Igreja Metodista na cidade em 1905, ano de extinção da Rua da Ajuda (Refício, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, com o aprofundamento das pesquisas relacionadas aos impressos protestantes no Brasil, observa-se o quanto os cristãos norte-americanos corroboraram com a História da Educação brasileira. Não apenas pelas instituições educacionais criadas, ou pelos impressos difundidos que auxiliaram na busca pelo conhecimento dos brasileiros, ou pela criação de alguns veículos de comunicação, a exemplo dos presbiterianos que “tiveram seu primeiro jornal publicado no Brasil em 1864, denominado a ‘Imprensa Evangélica’”, mas pelas oficinas tipográficas criadas durante a segunda metade dos Oitocentos que foram responsáveis pela produção dos

mais variados tipos de impressos protestantes nas esferas educacional e religiosa (Almeida, 2013, p. 68).

Nesta perspectiva, muitas questões sobre a atuação dos cristãos protestantes no Brasil têm sido respondidas por intermédio de estudos. Porém, existem algumas lacunas que precisam ser preenchidas para uma melhor compreensão histórica dos fatos, visto que, no trabalho de análise das tipografias dos catecismos protestantes, mostraram-se poucas pesquisas mais aprofundadas acerca dos principais prelos produtores de impressos protestantes no Brasil. Mediante os vestígios deixados nas obras, é possível observar o quanto os missionários estadunidenses foram relevantes para o crescimento da imprensa protestante e, consequentemente, brasileira. Para tanto, é conveniente reconhecer que, nos últimos 20 anos, as pesquisas a respeito da temática imprensa e impressos protestantes têm se intensificado no campo da História da Educação, mas, ainda há muito a se investigar sobre as tipografias protestantes no país.

## REFERÊNCIAS E FONTES

### Referências

- Abreu, M. (2017). No papel de leitor: a censura a romances nos séculos XVIII e XIX. In Anais Eletrônicos do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH. Porto Alegre, RS, Rio Grande do Sul.
- Almeida, M. S. de (2013). Livros e leitores: saberes e práticas educacionais e religiosas na Coleção Folhetos Evangélicos (1860-1938). Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes, Aracaju.
- Alves, J. dos S. (2021). A pedagogia dos catecismos protestantes (1864-1911): história de uma categoria de impressos a serviço da Educação brasileira. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes, Aracaju.
- Beda, E. de F. (1993). Editoração evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos. (Tese de Doutorado). São Paulo, SP: USP/ECA.
- Brasil. Constituição Política do Imperio do Brasil de 1824. Brasília: Senado Federal. Acessado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm#:~:text=Perpetuo%20do%20Brasil,-,Art.,f%C3%B3rma%20alguma%20exterior%20do%20Templo](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm#:~:text=Perpetuo%20do%20Brasil,-,Art.,f%C3%B3rma%20alguma%20exterior%20do%20Templo).

Burke, P. (1992). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, SP: Editora UNESP.

Chartier, R. (1998). *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2 ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília.

Clair, K. & Busic-Snyder, C. (2009). *Manual de Tipografia: a história, a técnica e a arte*. 2 ed. São Paulo, SP: Artmed Editora S.A.

Cruz, K. J. C. (2014). *Cultura impressa e prática leitora protestante no Oitocentos*. Tese de Doutorado. João Pessoa, PB: Universidade Federal da Paraíba.

Darnton, R. (1990). *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Elias, N. (1994). *O processo civilizador. Formação do Estado e civilização*. 2ª ed. V. 1. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.

Ginzburg, C. (2007). *O fio e os rastros*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Lima, M. C. (2015). *A última estação do trem: percurso da história da educação protestante em Lavras*. Dissertação de Mestrado. Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras.

Meirelles, J. G. (2006) *A “Gazeta do Rio de Janeiro” e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.

Nascimento, E. F. V. B. C do. (2006). *Catecismos protestantes no Brasil Católico*. In *Anais Eletrônicos do IV Congresso Brasileiro de História da Educação*. Goiânia, GO: Universidade Católica de Goiás, p. 1-10.

Nascimento, J. C. do. (2001). *Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas*. *Revista Horizontes*. Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco. V. 19, p.11-27, Jan/Dez.

Orlando, E. de A. (2008). *Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromente e a pedagogia do catecismo (1937-1965)*. Dissertação de Mestrado. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe.

*Presbyterian Committee of Publication*. (2021). *Dumbarton oaks*, 2020. Acessado em: <https://www.doaks.org/research/library-archives/dumbarton-oaks-archives/collections/ephemera/names/presbyterian-committee-of-publication>.

*Presbyterian Historical Society*. (2021). *Prebyterian History*. Acessado em: <https://www.history.pcusa.org/history-online/presbyterian-history>.

Rabaça, C. A. & Barbosa, G. (1995). *Dicionário de Comunicação*. 2. ed. São Paulo, SP: Ática.

Rua da Ajuda. (2020). *Refício*. Acessado em: [https://reficio.](https://reficio.cloud/rio/logradouro/rev-arq-df-rua-da-ajuda/)

[cloud/rio/logradouro/rev-arq-df-rua-da-ajuda/](https://reficio.cloud/rio/logradouro/rev-arq-df-rua-da-ajuda/).

## FONTES

Price, A. L. (s/d). *Mother's catechism*. Richmond: Whittet & Shepperson.

S/A, s/d. *Um novo catecismo*. Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora Methodista.

Schieffelin, S. B. (1905). *Leite para Crianças: catechismo biblico*. Lavras, MG: Casa Editora Presbiteriana.

S/A. (1911). *Catecismo para a infância*. Lisboa: Livraria Evangélica Rua das Janelas Verdes/ Porto: Tipografia Mendonça.

S/A. (1906). *Linea dopo Linea: di prime istruzioni religiose pei bambini*. 1ª Parte. 4. ed. Firenze: Tipografia e Livraria Claudiana.

S/A (1864). *Linea dopo Linea: di prime istruzioni religiose pei bambini*. 2ª Parte. Firenze: Tipografia e Livraria Claudiana.

Wilson, L. H. (1890). *The little child's catechism*. Missouri, St. Louis Presbyterian.

## NOTAS

- 1 Livro é uma publicação não periódica; consiste na “reunião de folhas de papel, [...] impressas ou manuscritas, organizadas em cadernos, composto por mais que 48 páginas” (Rabaça & Barbosa, 1995, p. 278).
- 2 Livreto [Livrete] é um livro pequeno, seja no tamanho, seja no número de folhas, com acabamento em um ou mais cadernos grampeados lateralmente ou a cavalo, com ou sem capa (Beda, 1993, p. 88).
- 3 Entende-se por folheto uma “publicação não periódica, com no máximo 48 páginas” (Rabaça & Barbosa, 1995, p. 274).
- 4 Opúsculo é um folheto de tamanho reduzido, “um livro pequeno, quanto ao formato (ou seja, de acordo com o número de dobras da página), situando-se quanto ao número de páginas entre o folheto e o livro (Rabaça & Barbosa, 1995, p. 369).
- 5 “O Comitê Presbiteriano de Publicação começou em 1862 em Richmond, Virgínia, como braço de publicação baseado no Cristianismo da velha Igreja Presbiteriana do Sul para imprimir um periódico escolar dos dias atuais. Eventualmente, ramificou-se para publicar livros e cartões postais. Os cartões postais foram impressos na Alemanha” (Presbyterian Committee of Publication, 2021).
- 6 Chartier (1998), elaborou o conceito de comunidade de leitores. Essas comunidades são formadas por grupos de pessoas com características peculiares aos seus integrantes, os intelectuais eruditos, os leitores pouco alfabetizados, cada grupo com seus gestos, maneiras, hábitos, práticas de leitura que interferem na interpretação e compreensão dos textos.
- 7 Em 1768, Pombal instituiu uma lei para unificação dos três poderes, e criou a Real Mesa Censória. Esta era constituída de eclesiásticos, funcionários leigos, e outros censores nomeados pelo Rei. A criação de um tribunal da Mesa Censória pelo conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, teve como base a necessidade de impor limites à circulação de ideias. Este tribunal deveria permitir a difusão de obras consideradas úteis e proibir aquelas que comprometessem a ordem vigente. A ideia de censura como algo necessário à manutenção da

ordem no Reino também foi extremamente difundida durante o século XIX no Brasil (Abreu, 2017).

- 8 Segundo Cruz (2014, p. 110), “o edifício era um antigo e extinto convento Carmelita, conhecido por Marianos, o qual foi comprado pelos presbiterianos num leilão público, o que, segundo os relatos dos próprios presbiterianos, levantou certa polêmica da parte dos católicos portugueses”.

## OS AUTORES

### **Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento**

Doutora em História da Educação pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC de São Paulo. Mestra em Educação pelo Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de Produtividade em Educação pelo CNPq, desde 2012. Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/GPHPE/Unit.

E-mail: esterfraga@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5387293048319734>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4050-767X>.

### **Josué dos Santos Alves**

Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes. Licenciado em Educação Física pela Universidade Tiradentes. Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (GPHPE).

E-mail: josue.santos@souunit.com.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5649212390394104>.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7389-7355>.